

A VERDADE

De Sade

edição ilustrada



Na verdade, em si mesmo, falar de Sade é de qualquer modo e sempre paradoxal. Não interessa saber se fazemos ou não, implícita ou explicitamente, obra de proselitismo: será menor paradoxo louvar o apologista do crime do que o próprio crime? A inconsequência é até maior no caso da simples admiração por Sade: a admiração trata com mais superioridade a vítima, fá-la passar do mundo do horror sensível a uma ordem de ideias loucas, irreais e puramente brilhantes.

Alguns espíritos abraçam-se com a ideia de derrubar de cabo a rabo os valores mais estabelecidos. Assim é-lhes possível dizer alegremente que o homem mais subversivo que até hoje houve — o Marquês de Sade — é também aquele que melhor serviu a humanidade. Nada de mais certo nessa opinião: trememos ao pensar na morte ou na dor (mesmo que seja na morte ou na dor dos outros), o trágico e o imundo apertam-nos o coração, mas o objecto do nosso terror tem para nós o mesmo sentido que o sol, não menos glorioso se desviarmos do seu esplendor nossos olhos enfermos. Comparável ao sol, pelo menos sob este ponto de vista, pois que também os nossos olhos lhe não podem suportar a imagem, a imagem de Sade, que fascinou a imaginação do seu tempo, aterrorizou-a: a mera ideia de esse monstro continuar a viver revoltava as pessoas. Os seus modernos apologistas, pelo contrário, nunca são tomados a sério, e ninguém acredita que as suas opiniões possam ter a mínima consequência. Os mais hostis vêem nessa apologia, ou um divertimento insolente, ou um

gosto de escandalizar. Na medida até em que os seus apologistas se não afastam da moral reinante, esses elogios de Sade contribuem mesmo para reforçar essa moral, porque obscuramente dão a todos o sentimento de ser inútil tentar abalar o que é mais sólido do que qualquer pessoa possa julgar. Tudo isso importaria pouco se o pensamento de Sade não perdesse nessa apologia o seu valor fundamental, que é o ser incompatível com qualquer pensamento racional, com qualquer ente racional.

Sade consagrou intermináveis obras à afirmação de valores irrecusáveis: repetiu-nos que a vida era apenas procura do prazer e o prazer era proporcional à destruição da vida. Por outras palavras, a vida atingia o mais alto grau de intensidade na monstruosa negação do seu princípio. Quem é que não vê que uma tão estranha afirmação não pode nem podia ser geralmente recebida, e até mesmo geralmente proposta, se não fosse esvaziada, atenuada, reduzida a um rumor sem consequências? Quem não vê, com efeito, que, se a tomarmos a sério, nenhuma sociedade a poderia admitir por um só momento? Na verdade, aqueles que viram em Sade um celerado correspondem melhor às suas intenções do que os seus modernos admiradores: Sade invoca um protesto revoltado, sem o qual o *paradoxo do prazer* seria mera poesia. Mais uma vez, repito que só quero falar dele dirigindo-me àqueles que ele revolta e do ponto de vista daqueles que ele revolta.

GEORGES BATAILLE
in «O Erotismo»

Título original:
«La Vérité» (1787)

Tradução de Luiza Neto Jorge
e Manuel João Gomes

Capa: Antígona, sobre tela de Man Ray
(«Portrait Imaginaire de D.A.F. de Sade», 1940)

Fotocomposição e montagem: Canal Gráfico, Artes Gráficas, Lda.

Impressão e acabamentos: Beira Douro, Lda.

ANTÍGONA
Apartado 4192
1504 Lisboa Codex

Depósito Legal nº 23.828/89

DONATIEN ALPHONSE FRANÇOIS DE SADE

A Verdade

e outros textos

Edição ilustrada

Tradução de
Luiza Neto Jorge
Manuel João Gomes

EDIÇÕES ANTÍGONA
LISBOA 1989

PRÓLOGO
A A VERDADE

por

GILBERT LELY

A Verdade, peça encontrada nos papéis de La Mettrie: *tal é o título exacto do opúsculo em verso e prosa que publicámos pela primeira vez em 1961, segundo o manuscrito autógrafa inédito do marquês de Sade.*

Este manuscrito que teria em tempos pertencido à colecção La Sicotière é constituído por quatro folhetos não aparados de papel vergé azulado cosidos num caderno de 15,5 por 19,5 centímetros.

Eis a descrição sumária do seu conteúdo:

Páginas 1 a 4 e princípio da p. 5: um poema de 136 versos alexandrinos de rima emparelhada, com inúmeras emendas, rasuras e correcções, uma variante obscena de 5 versos à margem da p. 2 e um projecto de frontispício à margem da p. 4. Nas pp. 5 a 7: oito Notas que correspondem a outras tantas chamadas no corpo do poema; a p. 8 está em branco.

Mesmo a uma rápida leitura deste poema filosófico e das notas que o acompanham, tudo especificamente sadista tanto na expressão como na doutrina, ressalta imediatamente que é na realidade o marquês o seu autor, não obstante o nome de La Mettrie sob o qual, por prudência, julgou dever dissimular-se. Mas o simples aspecto do manuscrito, corrigido e rasurado, bastaria para o identificar como uma obra pessoal. Quanto à data da composição de A Verdade, nenhuma observação definitiva no-la permite estabelecer com segurança. O exame da escrita e do papel levar-nos-ia a pensar que tal poema terá podido vir à luz na Bastilha, por volta de 1787, tanto mais que a segunda parte se caracteriza por uma bri-

lhante homenagem à Natureza, cujos altares Sade, nessa altura, ainda não arrasara.

Note-se que, ao escolher o nome de La Mettrie — citado com apreço em Juliette¹, Sade encarou menos, sem dúvida, o conteúdo real das teorias daquele precursor, do que as glosas difamatórias de que elas continuavam a ser objecto por parte dos próprios filósofos que nelas se tinham inspirado. Ao erguer-se, em O Sistema da Natureza, contra os ateus «que negaram a distinção entre vício e virtude», não acrescentara d'Holbach que o autor do Homem-máquina «raciocinou sobre os costumes como um verdadeiro frenético»? De facto, se La Mettrie — cujo estilo vivo e elegante leva de longe a palma ao do barão — reivindicou para o indivíduo o direito de governar sem qualquer entrave e se pretendeu aliviá-lo do remorso, «esse fardo da vida», alheio ao desígnio de garantir desse modo, como o acusa Diderot, «a imortalidade ao mau»², por outro lado sustentou que a embriaguez da volúpia, para além de ser a que nos é «dada imediatamente», é também a «que nos torna melhores», porque «um ser satisfeito e feliz é um ser meigo e benevolente»³. Ao longo das suas obras, Sade, não podendo admitir descrever a conjunção erótica senão à luz das mais laboriosas e ao mesmo tempo das mais cruéis perversões⁴, tornar-se-á o campeão da teoria oposta.

O poema que vamos ler — de uma dicção geralmente firme e harmoniosa, à qual os alexandrinos do Capricieux e do Siège de Beauvais nos não tinham habituado o ouvido — dá-nos conta, de forma lapidar, por vezes não desprovida de li-

¹ Ed. de 1797, t. I (V), p. 309 e t. IV (VIII), p. 198.

² Vidé as citações inteiras de d'Holbach e de Diderot na excelente obra de Pierre Naville sobre *Paul Thiry d'Holbach et la philosophie scientifique du XVIII^e siècle*, Paris, Gallimard, 1943, in 8.º, p. 361.

³ Embora não sejam do próprio La Mettrie mas de um dos seus comentadores modernos, Maurice Solovine (introdução a *L'Homme-machine*, seguido da *Art de jouir*, Paris, Bossard, 1921, in 16, pp. 31-32), estas três expressões nem por isso traduzem com menos exactidão o pensamento do moralista.

⁴ Deve-se a Pierre Naville (*op. cit.*, p. 366) este judicioso quadro de três filosofias comparadas: «As antinomias da física materialista e da moral utilitarista ficam irresolúveis em La Mettrie. Em d'Holbach e Diderot abolem-na na procura de um novo equilíbrio social. Em Sade explodem em prol da sensibilidade individual, a única natural e a inimiga das Leis da Sociedade.»

risimo, dos principais aspectos da filosofia de Sade. Com efeito, se A Verdade se apresenta antes de mais como uma sátira anti-religiosa, mais de um terço do seu conteúdo é uma apologia da libertação integral dos instintos imorais. Acrescente-se que seis das oito notas (as outras duas dizem respeito à religião) vêm reforçar esta apologia, e que uma estampa liminar projectada pelo autor devia revesti-la de sumo resplendor, sob as espécies conjugadas do assassínio e da pedicção heterossexual. Mas o crime não é só o mais poderoso dos afrodisíacos. Conforme com as intenções sagradas da natureza, que destrói tão somente para transmutar e multiplicar, ele dá azo a uma embriaguez metafísica. Assim, à ideia de Deus opõe-se, em Sade, um panteísmo bárbaro, enquanto ele, pela boca dos seus heróis preferidos da Nouvelle Justine e da Juliette não vier a decretar a acusação dessa mesma natureza, cuja insolente soberania teria magoado o seu orgulho e cujas mil fontes de vida teriam insultado as suas máximas de negação delirante⁵.

A Verdade: percessem todas as obras de Sade, à excepção deste poema, que por certo os mais ávidos movimentos da sua linguagem se teriam furtado à nossa imaginação, mas pelo menos o que ressoa como o breve inaugural do seu papado demoníaco teria chegado até nós.

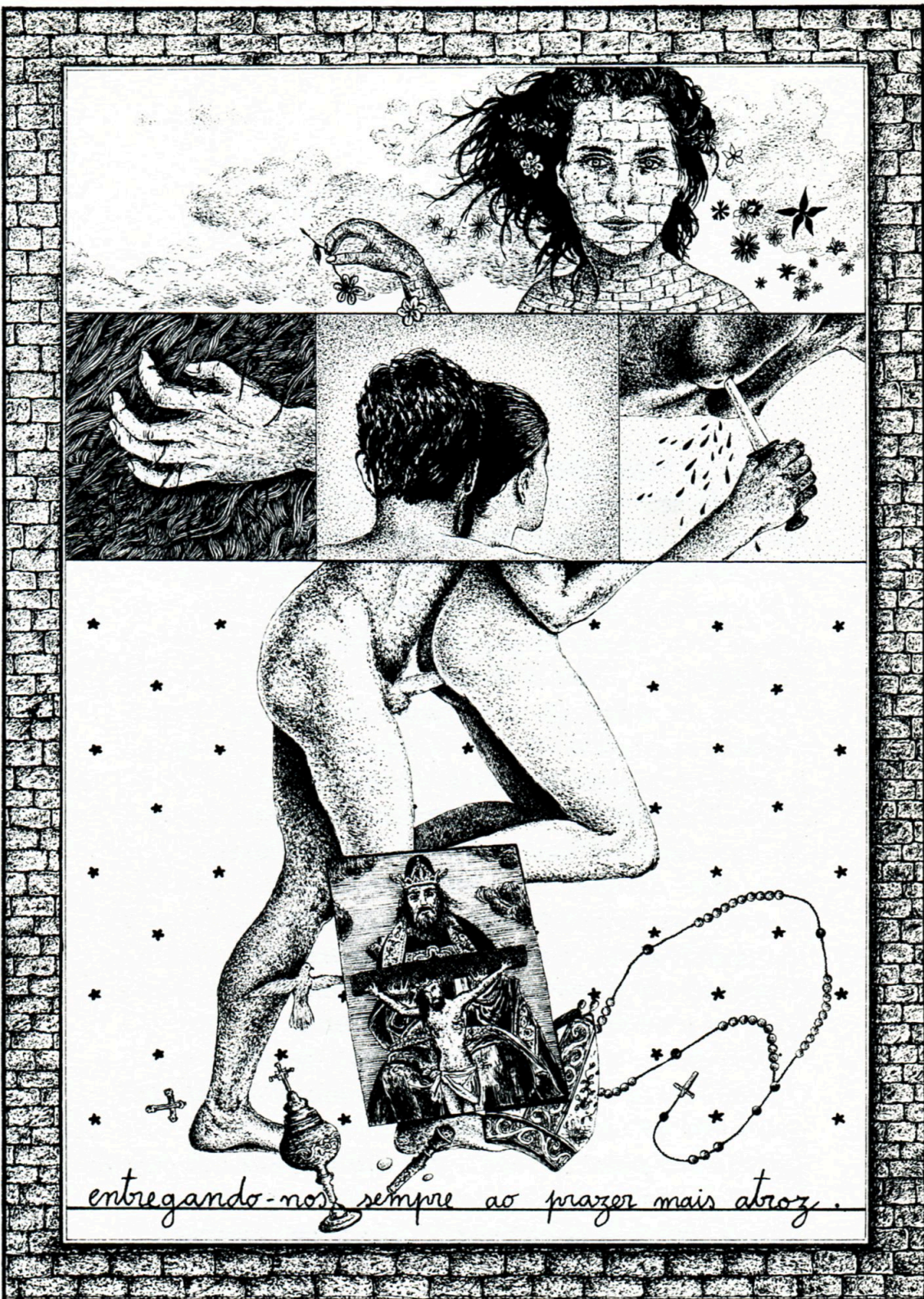
⁵ Mas o ódio não abolirá a admiração; por vezes esta far-lhe-á mesmo esquecer aquele. Assim, em vários sítios da sua dupla epopeia, e especialmente nas últimas páginas da *Juliette*, vemo-lo voltar à sua idolatria e saudar com entusiasmo uma Natureza que «pelas suas perfídias (...) se mantém e reconquista os direitos que a virtude lhe rouba». (Ed. de 1797, t. VI (X), p. 343)

A VERDADE

PROJECTO DE FRONTISPÍCIO

Entregando-nos sempre ao prazer mais atroz.

Ficará este verso sob a estampa, a qual representa um belo jovem nu enrabando uma rapariga igualmente nua. Com uma das mãos agarra-a pelos cabelos e vira-a para si, com a outra enterra-lhe um punhal no seio. Sob os seus pés estão as três pessoas da Santíssima Trindade e por baixo as frioleiras da religião. Em cima, a Natureza, numa glória, coroa-o de flores.



Desenho original de Luis Manuel Gaspar, 1989

1 *Quelle est cette chimère impuissante et stérile,
Cette divinité que prêche à l'imbécile
Un ramas odieux de prêtres imposteurs?
Veulent-ils me placer parmi leurs sectateurs?*

5 *Ah! jamais, je le jure, et je tiendrai parole,
Jamais cette bizarre et dégoûtante idole,
Cet enfant de délire et de dérision
Ne fera sur mon cœur la moindre impression.
Content et glorieux de mon épicurisme,*

10 *Je prétends expirer au sein de l'athéisme
Et que l'infâme Dieu dont on veut m'alarmer
Ne soit conçu par moi que pour le blasphémer.
Oui, vaine illusion, mon âme te déteste,
Et pour t'en mieux convaincre ici je le proteste,*

15 *Je voudrais qu'un moment tu pusses exister
Pour jouir du plaisir de te mieux insulter.
Quel est-il en effet ce fantôme exécration,
Ce jean-foutre de Dieu, cet être épouvantable
Que rien n'offre aux regards ni ne montre à l'esprit,*

20 *Que l'insensé redoute et dont le sage rit,
Que rien ne peint aux sens, que nul ne peut comprendre,
Dont le culte sauvage en tous temps fit répandre
Plus de sang que la guerre ou Thémis en courroux*

1 Mas que quimera é esta, estéril e impotente,
Que divindade é esta imposta à néscia gente
Por sacerdotes vis, cambada de impostores?
Quererão eles contar-me entre os seus seguidores?

5 Ah, jamais, juro-o, e não faltarei ao já dito,
Jamais ídolo tão repelente e esquisito
Esse que do delírio é filho e da irrisão
A mim me causará a mais leve impressão.
Eu, glorioso e feliz com o meu epicurismo,

10 Só pretendo expirar no seio do ateísmo
E que o infame Deus feito para me alarmar
Seja ideado por mim tão só para o blasfemar.
Minha alma te detesta, oh sim, vã ilusão,
E protesto-o aqui, pra tua convicção.

15 Quisera que existir pudesses por um momento
Pra gozar o prazer de insultar-te a contento.
De facto ele quem é, esse fantasma odioso,
Esse poltrão de Deus, esse ser horroroso
Que nada oferece ou mostra ao espírito e ao olhar,

20 Que faz tremer o parvo e o que é sábio zombar,
Que aos sentidos não fala e nem o entende alguém,
Cujos cultos cruéis mais sangue sempre tem
Feito correr que a guerra ou que Témis feroz

Ne purent en mille ans en verser parmi nous¹?
25 J'ai beau l'analyser, ce gredin déïfique,
J'ai beau l'étudier, mon œil philosophique
Ne voit dans ce motif de vos religions
Qu'un assemblage impur de contradictions
Qui cède à l'examen sitôt qu'on l'envisage,
30 Qu'on insulte à plaisir, qu'on brave, qu'on outrage,
Produit par la frayeur, enfanté par l'espoir²,
Que jamais notre esprit ne saurait concevoir,
Devenant tour à tour, aux mains de qui l'érige,
Un objet de terreur, de joie ou de vertige
35 Que l'adroit imposteur qui l'annonce aux humains
Fait régner comme il veut sur nos tristes destins,
Qu'il peint tantôt méchant et tantôt débonnaire,
Tantôt nous massacrant, ou nous servant de père,
En lui prêtant toujours, d'après ses passions,
40 Ses mœurs, son caractère et ses opinions:
Ou la main qui pardonne ou celle qui nous perce
Le voilà, ce sot Dieu dont le prêtre nous berce.

Mais de quel droit celui que le mensonge astreint
Prétend-il me soumettre à l'erreur qui l'atteint?
45 Ai-je besoin du Dieu que ma sagesse abjure
Pour me rendre raison des lois de la nature?
En elle tout se meut, et son sein créateur
Agit à tout instant sans l'aide d'un moteur³.
A ce double embarras gagné-je quelque chose?
50 Ce Dieu, de l'univers démontre-t-il la cause?
S'il crée, il est créé, et me voilà toujours
Incertain, comme avant, d'adopter son recours.
Fuis, fuis loin de mon cœur, infernale imposture;
Cède, en disparaissant, aux lois de la nature:
55 Elle seule a tout fait, tu n'es que le néant
Dont sa main nous sortit un jour en nous créant.

Em mil anos verter fizeram entre nós¹?
25 Deífico tratante, em vão eu o analiso
Com filósofo olhar, em vão o estudo e viso:
Não vejo no motor de tais religiões
Mais que um impuro nó de mil contradições,
Que cede e se desfaz mal a gente o encara,
30 O insulta à vontade, o ultraja, o declara
Gerado pelo temor e da esperança nascido²,
Que o meu esp'rito jamais teria concebido;
Em alternância ele é, nas mãos dos que o erigem,
Objecto de terror, de alegria ou vertigem,
35 Que o astuto impostor que no-lo vem pregar
Faz sobre a vida humana a seu prazer reinar,
Que ora ruim o pinta, ora em bondade infindo,
Ora nos massacrando, ora de pai servindo,
Sempre lhe atribuindo, a mando das paixões,
40 Cóstumes como os seus, suas opiniões;
Ou a mão que perdoa ou a que nos entala,
Com este Deus idiota o padre nos embala.

Com que direito aquele que a mentira adstringe
Pretende submeter-me ao erro que o atinge?
45 Careço eu do Deus que a sábia mente abjura
Pra a mim mesmo explicar as leis da mãe natura?
Nela tudo se move, e o seu seio criador
Age sem precisar da ajuda dum motor³.
Este duplo embaraço algo me dá a ganhar?
50 A causa do universo esse Deus vem mostrar?
Se cria, também é criado, e assim fico,
Em recorrer a ele como antes interdito.
Sai do meu seio, sai, infernal impostura,
Desaparecendo cede às leis da mãe natura:
55 Ela só tudo fez, tu és o nada hiante
Do qual, ao nos criar, sua mão nos pôs distante.

Évanouis-toi donc, exécration chimère!
 Fuis loin de ces climats, abandonne la terre
 Où tu ne verras plus que des cœurs endurcis
 60 Au jargon mensonger de tes piteux amis!
 Quant à moi, j'en conviens, l'horreur que je te porte
 Est à la fois si juste, et si grande, et si forte,
 Qu'avec plaisir, Dieu vil, avec tranquillité,
 Que dis-je? avec transport, même avec volupté,
 65 Je serais ton bourreau, si ta frêle existence
 Pouvait offrir un point à ma sombre vengeance,
 Et mon bras avec charme irait jusqu'à ton cœur
 De mon aversion te prouver la rigueur.*
 Mais ce serait en vain que l'on voudrait t'atteindre,
 70 Et ton essence échappe à qui veut la contraindre.
 Ne pouvant t'écraser, du moins, chez les mortels,
 Je voudrais renverser tes dangereux autels
 Et démontrer à ceux qu'un Dieu captive encore
 Que ce lâche avorton que leur faiblesse adore
 75 N'est pas fait pour poser un terme aux passions.
 O mouvements sacrés, fières impressions,
 Soyez à tout jamais l'objet de nos hommages,
 Les seuls qu'on puisse offrir au culte des vrais sages,
 Les seuls en tous les temps qui délectent leur cœur,
 80 Les seuls que la nature offre à notre bonheur!
 Cédons à leur empire, et que leur violence,
 Subjuguant nos esprits sans nulle résistance,
 Nous fasse impunément des lois de nos plaisirs:
 Ce que leur voix prescrit suffit à nos désirs⁴.
 85 Quel que soit le désordre où leur organe entraîne,
 Nous devons leur céder sans remords et sans peine,
 Et, sans scruter nos lois ni consulter nos mœurs,
 Nous livrer ardemment à toutes les erreurs
 Que toujours par leurs mains nous dicta la nature.
 90 Ne respectons jamais que son divin murmure;

Desvanece-te, pois, execrável quimera!
Pra longes climas fuge, abandona esta terra
Onde mais não verás que corações fechados
60 Ao patoá intrusão dos teus apaniguados!
Quanto a mim, reconheço, é tal e é tamanho,
Tão justo, grande e forte este horror que te tenho,
Que com prazer, Deus vil, e com tranquilidade
Que digo eu? com enlevo e voluptuosidade,
65 Teu carrasco era eu se tua fraca existência
Oferecesse algum ponto à vingança, à violência,
E feliz o meu braço ia ao teu coração
Comprovar o rigor desta minha aversão.*
Mas é trabalho vão pretender-te atingir,
70 A tua essência escapa ao que a quer coagir.
Não podendo esmagar-te, ao menos, entre os vivos,
Queria eu derrubar os teus altares nocivos
E mostrar aos que um Deus cativa inda por ora
Que esse aborto tão vil que sua fraqueza adora
75 Não é feito pra pôr algum termo às paixões.
Ó ímpeto sagrado, altivas impressões,
Sempre, sempre por nós sede homenageados:
Vós só podeis auferir o culto dos mais sábios,
Vós só seu coração constantes deleitar,
80 Dados pela natureza, vós só nos alegrar!
Ceda-se ao seu poder e que a sua violência,
Subjugando nossa alma alheia à resistência,
Nossos prazeres transforme em leis impunemente:
Basta ao nosso desejo o que a sua voz expende⁴.
85 Por mais que à agitação seu órgão nos arraste
Há que ceder-lhes sem remorso e sem desgaste;
E, não escrutando leis nem costumes lembrando,
Ardentemente ao erro irmo-nos entregando,
Que sempre por suas mãos no-lo ditou natura.
90 Respeitemos tão só o que ela nos murmura;

Ce que nos vaines lois frappent en tous pays
 Est ce qui pour ses plans eut toujours plus de prix.
 Ce qui paraît à l'homme une affreuse injustice
 N'est sur nous que l'effet de sa main corruptrice,
 95 Et quand, d'après nos mœurs, nous craignons de faillir,
 Nous ne réussissons qu'à la mieux accueillir⁵.
 Ces douces actions que vous nommez des crimes,
 Ces excès que les sots croient illégitimes,
 Ne sont que les écarts qui plaisent à ses yeux,
 100 Les vices, les penchants qui la délectent mieux;
 Ce qu'elle grave en nous n'est jamais que sublime;
 En conseillant l'horreur, elle offre la victime:
 Frappons-la sans frémir, et ne craignons jamais
 D'avoir, en lui cédant, commis quelques forfaits.
 105 Examinons la foudre en ses mains sanguinaires:
 Elle éclate au hasard, et les fils, et les pères,
 Les temples, les bordels, les dévots, les bandits,
 Tout plaît à la nature: il lui faut des délits.
 Nous la servons de même en commettant le crime:
 110 Plus notre main l'étend et plus elle l'estime⁶.
 Usons des droits puissants qu'elle exerce sur nous
 En nous livrant sans cesse aux plus monstrueux goûts⁷:
 Aucun n'est défendu par ses lois homicides,
 Et l'inceste, et le viol, le vol, les parricides,
 115 Les plaisirs de Sodome et les jeux de Sapho,
 Tout ce qui nuit à l'homme ou le plonge au tombeau,
 N'est, soyons-en certains, qu'un moyen de lui plaire.
 En renversant les dieux, dérobons leur tonnerre
 Et détruisons avec ce foudre étincelant
 120 Tout ce qui nous déplaît dans un monde effrayant.
 N'épargnons rien surtout: que ses scélératesses
 Servent d'exemple en tout à nos noires prouesses.
 Il n'est rien de sacré: tout dans cet univers
 Doit plier sous le joug de nos fougueux travers⁸.

O que a nossa lei vã fustiga em toda a terra
É, pra o que ela planeia, o que mais preço encerra.
O que ao homem parece uma injustiça atroz
Efeito da sua mão corruptora é em nós,
95 E quando — hábito nosso — ir errar receamos,
Acolhê-la melhor é o que enfim lucrámos⁵.
Essas doces acções a que vós chamais crime
Esses excessos que só o parvo ilegítima
São os desvios que mais lhe agradam ao olhar
100 Vícios, inclinações que a fazem deleitar;
O que ela grava em nós não é senão, sublime;
Aconselhando o horror, oferece quem vitima.
É feri-la então sem medo e sem temor talvez
De ter, em lhe cedendo, obrado malvadez.
105 Vejamos como o raio em suas mãos fatais
Fulmina ao acaso e como os filhos e os pais,
Os templos, os bordéis, os crentes, os bandidos,
Tudo à natura apraz, carente de delitos.
Servimo-la nós também ao cometer o crime:
110 Mais nossa mão o espalha e mais aquela o estima⁶.
Usemos do seu grande império sobre nós,
Entregando-nos sempre ao prazer mais atroz⁷:
Defesas nunca são suas leis homicidas
E a violação, o incesto, o roubo, os parricídios,
115 Os gostos de Sodoma e o que Safo aprova,
O que ao homem faz mal ou o que o leva à cova
Tudo por certo é meio de lhe agradar.
Por terra os deuses pôr, o seu raio roubar
E destruir com ele, o dardo faiscante,
120 Tudo o que nos despraz num mundo horripilante.
Nada se poupe então: que as suas malvadezas
Sirvam de exemplo em tudo às nossas más proezas.
Sagrado, nada há: tudo neste universo
Deve ao jugo vergar do nosso vivo acesso⁸.

125 *Plus nous multiplierons, varierons l'infâmie,
Mieux nous la sentirons dans notre âme affermie,
Doublant, encourageant nos cyniques essais,
Pas à pas chaque jour nous conduire aux forfaits.*

130 *Après les plus beaux ans si sa voix nous rappelle,
En nous moquant des dieux retournons auprès d'elle:
Pour nous récompenser son creuset nous attend;
Ce que prit son pouvoir, son besoin nous le rend.
Là tout se reproduit, là tout se régénère;
Des grands et des petits la putain est la mère,
135 *Et nous sommes toujours aussi chers à ses yeux,
Monstres et scélérats que bons et vertueux.**

125 Quanto mais aumentar, variar a perfídia,
Melhor a sentirá nossa alma decidida:
Dobrando, encorajando as nossas tentativas,
Leva-nos passo a passo às acções mais nocivas.

Os belos anos vão-se, ela chama por nós;
130 Dos deuses escarnecendo, ouçamos sua voz:
Pra nos recompensar, seu crisol espera já;
O que o poder tomou, necessidade dá.
Tudo ali se restaura e reproduz também.
Do grande e do pequeno a puta será mãe,
135 E todos vê iguais seu olhar amoroso,
O monstro e o celerado, o bom e o virtuoso.

NOTAS DE SADE

¹ Avaliam-se em mais de cinquenta milhões de indivíduos as perdas ocasionadas pelas guerras ou massacres de religião. Acaso valerá uma só de entre elas o sangue de uma ave? E não deverá a filosofia deitar mão a todas as armas para exterminar um Deus em prol do qual se imolam tantos seres que valem mais do que ele, pois não há seguramente nenhuma ideia mais estúpida, mais perigosa, mais extravagante, nada mais detestável do que um Deus?

² A ideia de um Deus só adveio aos homens quando eles temeram, ou tiveram esperança. A isto apenas devemos atribuir a quase unanimidade dos homens sobre tal quimera. Universalmente infeliz, o homem teve, em todos os lugares e em todos os tempos, motivos de esperança e de temor, e em toda a parte invocou a causa que o atormentava, como em toda a parte esperou pelo fim dos seus males. Demasiado ignorante ou demasiado crédulo para saber que a desdita inevitavelmente anexada à sua existência outra causa não tinha do que a própria natureza dessa existência, ao invocar o ser a quem atribuía essa causa criou quimeras a que renunciou, logo que o estudo e a experiência lhe fizeram sentir a sua inutilidade.

O temor fez os deuses e a esperança manteve-os

³ O mais ligeiro estudo da natureza convence-nos da eternidade do movimento no seu seio e esse exame atento das suas leis mostra-nos que nada nela perece, que ela continuamente se regenera sob o efeito daquilo que nós julgamos que a ofende ou que parece destruir as suas obras. Ora, se as destruições lhe são necessárias, a morte torna-se uma palavra vazia de sentido: o que há são transmutações e não extinção. Ora a perpetuidade do movimento que existe nela deita abaixo toda a ideia de um motor.

* À margem, uma variante que não foi riscada:

*Masturbar-me-ia sobre a tua divindade,
Enrabar-te-ia se a tua fraca existência
Oferecesse um cu à minha incontinência;
Meu braço o coração te viria a arrancar
Pra com o meu fundo horror melhor te penetrar.* (Nota de G. Lely)

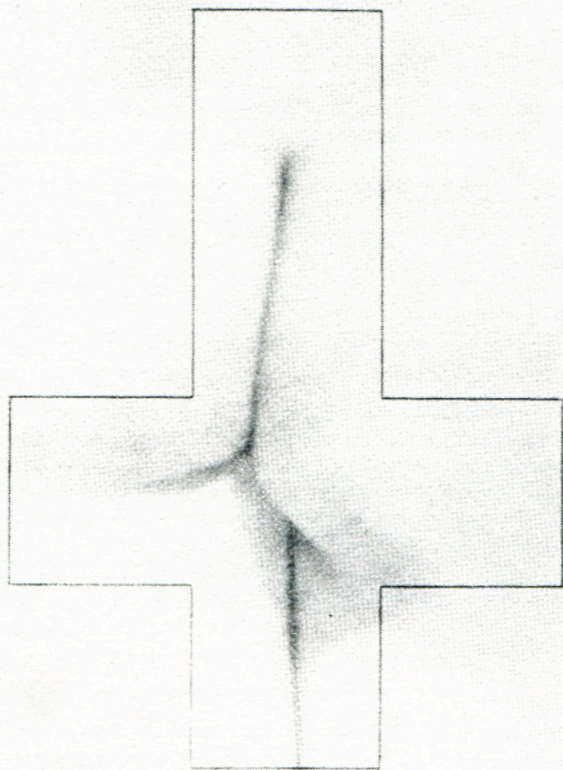
⁴ Entreguemo-nos indistintamente a tudo quanto as paixões nos inspiram e seremos sempre felizes. Desprezemos a opinião dos homens: ela é apenas o fruto dos seus preconceitos. E quanto à nossa consciência, nunca receemos a sua voz quando conseguimos entorpecê-la: o hábito facilmente a reduzirá ao silêncio e não tardará a metamorfosear em prazer as mais desagradáveis recordações. A consciência não é o órgão da natureza; apenas é, não nos ludibriemos, o órgão dos preconceitos; vençamo-los e a consciência ficará às nossas ordens. Interroguemos a consciência do selvagem, perguntemos-lhe se ela lhe censura o que quer que seja. Quando ele mata o seu semelhante e o devora, a natureza parece falar nele; a consciência está muda. Ele concebe o que os parvos chamam crime e executa-o; tudo se cala, tudo está em sossego, ele serviu a natureza mediante a acção que mais agrada a essa natureza sanguínea cujo crime mantém a energia e que só de crimes se alimenta.

⁵ E como poderíamos nós ser culpados quando mais não fazemos do que obedecer às impressões da natureza? Os homens e as leis que são obra dos homens podem considerar-nos como tal, mas jamais a natureza. Só se lhe resistíssemos é que poderíamos a seus olhos ser culpados. É esse o único crime possível, o único de que devemos abster-nos.

⁶ Demonstrado como está que o crime lhe agrada, o homem que melhor a servirá será necessariamente aquele que der maior extensão ou gravidade aos seus crimes, devendo notar-se que a extensão lhe agrada ainda mais do que a gravidade, pois, apesar da diferença que os homens estabelecem, o assassinio e o parricídio são exactamente a mesma coisa a seus olhos. Mas o que tiver provocado mais desordens no universo agrada-lhe-á muito mais do que aquele que se tiver detido ao primeiro passo. Que esta verdade ponha à vontade os que dão rédea solta às suas paixões e que eles se convençam de que a melhor maneira de servir a natureza é multiplicar as suas perfídias.

⁷ Estes gostos só são verdadeiramente úteis e prezados pela natureza enquanto propagarem, enquanto espalharem aquilo a que os homens chamam a desordem. Quanto mais eles cortam, sagram, deterioram, destroem, mais preciosos lhe são. A eterna necessidade que ela tem de destruição serve de prova a esta asserção. Tratemos de destruir, pois, ou de impedir de nascer, se queremos ser úteis aos seus planos. Assim, o masturbador, o assassino, o infanticida, o incendiário, o sodomita, são homens conformes com os desejos dela, aqueles que, por conseguinte, devemos imitar.

⁸ Impormo-nos freios ou barreiras na via do crime seria visivelmente ultrapassar as leis da natureza que nos entrega indistintamente todos os seres de que nos rodeia, sem jamais abrir excepções, pois desconhece os nossos laços e cadeias, de modo que as pretensas destruições são nulas a seus olhos, que o irmão que dorme com a irmã não faz pior do que aquele que dorme com a amante e que o pai que imola o filho não ultraja mais a natureza do que o particular que assassina um desconhecido por esses caminhos. A seus olhos não há qualquer diferença dessas; o que ela quer é o crime; não interessa a mão que o comete ou o seio em que é cometido.



Man Ray: *Monument à D. A. F. de Sade*, 1933

PENSAMENTO*

* A palavra PENSAMENTO foi aposta como título, pela mão do autor, à margem do manuscrito.

Deus é em absoluto para o homem o que as cores são para o cego de nascença: é-lhe impossível, a este, imaginá-las.

No entanto — dizem-nos — essas cores existem; e se o cego não as imagina é por falta de sentidos, não por falta de existência da coisa. Assim, também, se o homem não compreende Deus, é por falta de sentidos e não por falta da segura existência de tal ser.

Mas aí está precisamente o sofisma: o nome e as propriedades ou diferenças dessas cores não passam de coisas de convenção, dependentes das necessidades que os nossos sentidos nos criaram de as diferenciar; têm, porém, uma existência frívola, ou seja, é muito frívolo decidir que uma fita tingida de cor castanha seja efectivamente castanha; nisso só há de real as nossas convenções. O mesmo se passa com Deus, que só se nos apresenta à imaginação como a cor no cérebro dos cegos, isto é, como uma coisa que se lhes diz existir, mas cuja realidade não é comprovada por coisa alguma e que, por conseguinte, pode muito bem não existir.

Assim, quando apresentamos a um cego uma fita, asseverando-lhe que é castanha, não só não lhe damos qualquer ideia, como nada lhe dizemos que ele não possa negar, sem que tenhamos ou possamos vir a ter armas para o convencer. O mesmo se dá quando falamos de Deus ao homem: não só não lhe damos qualquer ideia, como oferecemos à sua imaginação uma coisa que ele pode negar, combater ou destruir, sem que possamos recorrer ao mínimo argumento real para o persuadir.

Deus, pois, não existe mais para o homem do que as cores para o cego de nascença. E assim o homem tem o direito de afirmar que não há Deus, tanto quanto o cego tem o direito de asseverar que não há cores, pois as cores não são coisa real, mas apenas uma coisa convencional e as coisas convencionais só podem ganhar realidade no espírito do homem se afectarem os seus sentidos e puderem ser por eles compreendidas.

Uma coisa pode, portanto, ser real aos olhos de qualquer homem dotado dos seus cinco sentidos e tornar-se duvidosa e até mesmo nula para quem esteja privado do sentido necessário para a conceber. Absolutamente incompreensível ou absolutamente impossível de ser captada pelos sentidos, a coisa torna-se inexistente, tão inexistente quanto é para o cego a cor. Por conseguinte, se a cor é inexistente para o cego, porque este não possui o sentido necessário para a adoptar, assim também Deus é inexistente para o homem, já que nenhum dos seus sentidos é capaz de o aperceber, e Deus, então, não tem, como a cor, mais do que uma existência convencional, sem realidade alguma em si; uma sociedade de cegos, privada do socorro dos outros homens, usaria igualmente nomes convencionais para exprimir coisas que não teriam qualquer realidade.

No que respeita à bela quimera qualificada com o nome de Deus, somos nós essa tal sociedade de cegos; imaginamos uma coisa que julgamos necessária, mas que não tem outra existência que não seja a necessidade que tivemos de a criar.

Medidos por esta bitola, todos os princípios da moral humana ficariam reduzidos a nada, pois sendo todos esses deveres pura convenção, quiméricos igualmente serão.

Disse o homem: «esta coisa será virtude porque me serve, aqueloutra será vício porque me prejudica»; são as fúteis convenções da sociedade dos cegos cujas leis não têm qualquer realidade intrínseca. O verdadeiro modo de julgar a nossa fraqueza relativamente aos sublimes mistérios da natureza é o de julgar da fraqueza de seres que possuem um sentido a menos do que nós; os seus erros relativamente a nós não os nossos relativamente à natureza: o cego cria convenções em relação com as suas necessidades e a mediocridade das suas faculdades, tal como o homem criou leis que estão em relação com

os seus parcos conhecimentos, as suas vistas estreitas e as suas pequenas necessidades.

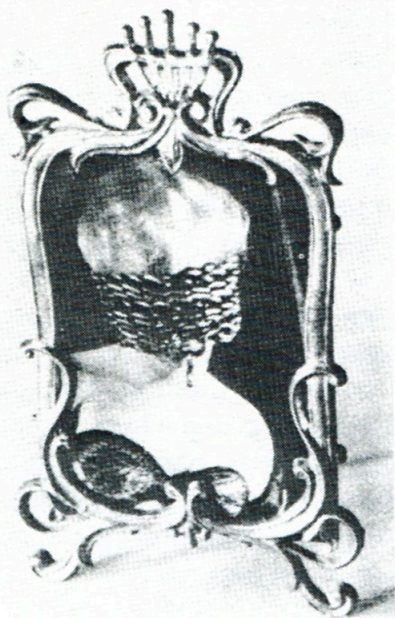
Nada há, porém, de real em tudo isso, nada que não possa ser ou incompreendido por uma sociedade que nos fosse inferior em faculdades, ou formalmente negado por uma que nos superasse mercê de órgãos mais delicados ou de sentidos a mais. Como as nossas leis, as nossas virtudes, os nossos vícios, as nossas divindades seriam desprezíveis aos olhos de uma sociedade que possuísse mais dois ou três sentidos do que nós e uma sensibilidade dupla da nossa! E porquê? É que essa sociedade seria mais perfeita e estaria mais próxima da natureza; daí resulta que o ser mais perfeito que podemos conceber será o que mais se afastar das nossas convenções e as considerar mais desprezíveis, tal como nós fazemos com as de uma sociedade que nos é inferior.

Neste encadeamento, chegaremos à própria natureza. Facilmente se percebe que tudo o que dizemos, tudo o que destinamos e decidimos está tão longe da perfeição dos seus pontos de vista, é tão inferior a ela, como o são, relativamente às nossas leis, as da sociedade de cegos.

Não há sentidos, não há ideias: *nihil est in intellectu quod non prius fuerit in sensu*, é, numa palavra, a grande base e a grande verdade em que assenta o sistema precedente. É incrível que Nicole, na sua lógica, tenha querido destruir este axioma certo de toda a verdadeira filosofia. Entram, pretende ele, no nosso espírito, outras ideias que não as adquiridas pelos sentidos e uma dessas grandes ideias, que, abstraindo dos sentidos, nos podem vir é *Penso, logo existo*. «Esta ideia — diz aquele autor — não possui qualquer som, qualquer cor, qualquer cheiro, etc., logo, não é obra dos sentidos.»

Será possível alguém restringir-se tão servilmente ao pó de uma escola, para assim raciocinar com tal falsidade? Aquela ideia *Penso, logo existo* não é por certo da mesma espécie destoutra *A mesa é lisa*, que o sentido do tacto pode comprovar ao meu espírito. Não é, reconheço-o, uma operação de qualquer sentido em particular, mas sim o resultado de todos eles e de tal modo o é que, se fosse possível a uma criatura existir sem nenhum sentido, perfeitamente impossível lhe seria formular o pensamento *Penso, logo existo*.

Este pensamento é, pois, o resultado da operação de todos os nossos sentidos, embora o não seja de nenhum em particular e por isso não pode destruir o grande e infalível raciocínio de como é impossível adquirir ideias abstraíndo-se dos sentidos. A religião, reconheço-o, não concorda com isto, mas a religião é a coisa que neste mundo menos se deve consultar em matéria de filosofia, pois é a que mais obscurece todos os princípios e a que mais vergonhosamente faz curvar o homem sob o ridículo jugo da fé, destruidor de todas as verdades.



**DIÁLOGO
ENTRE UM PADRE E UM MORIBUNDO**

PADRE

Chegado a este momento fatal, em que o véu da ilusão, rasgando-se, deixa ver ao homem seduzido o rol cruel dos seus erros e vícios, será, filho meu, que não ireis arrepender-vos das muitas desordens para as quais vos arrastou a fraqueza e a fragilidade humanas?

MORIBUNDO

Sim, meu amigo, estou arrepenso.

PADRE

Então, aproveitai esses felizes remorsos para, no intervalo curto que vos resta, obterdes do céu a geral absolvição das vossas faltas e considerai que só pela mediação do santo sacramento da penitência podereis alcançá-la do eterno.

MORIBUNDO

Não te percebo melhor do que tu me compreendeste.

PADRE

Pois quê!

MORIBUNDO

Disse-te que estava arrepenso.

PADRE

Foi isso que ouvi.

MORIBUNDO

Sim, mas não comprehendeste.

PADRE

Qual a interpretação que...?

MORIBUNDO

Escuta... Criado pela natureza com gostos ardentes, com paixões fortíssimas, unicamente colocado neste mundo para a eles me entregar, para lhes dar satisfação e, sendo estes efeitos da minha criação meras necessidades relacionadas com os grandes objectivos da natureza ou, se preferires, derivações essenciais dos seus projectos a meu respeito, em total acordo com as suas leis, de uma só coisa eu estou arrepenso: o não ter reconhecido devidamente o seu poder soberano; quanto a remorsos, só lamento a forma medíocre como utilizei as faculdades (criminosas na tua opinião, simplicíssimas a meu ver) que ela me concedeu para a servir. Resisti-lhes algumas vezes, é disso que estou arrepenso. Deixei-me cegar pelos teus sistemas absurdos, com eles combati a violência dos desejos que me vinha de uma inspiração muito mais divina, e disso me arrependo, pois colhi apenas flores quando podia ter feito larga colheita de frutos... Tais são os justos motivos do meu arrependimento. Se alguma estima te mereço, não inventes outros.

PADRE

Aonde vos arrasta o vosso erro, aonde vos levam os vossos sofismas! Concedei à coisa criada o soberano poder do criador, sem verdes que as malditas inclinações que vos extraviaram são unicamente efeitos dessa natureza corrompida, que considerais toda-poderosa.

MORIBUNDO

Meu amigo, acho que a tua dialéctica é tão falsa como o teu espírito. Desejaria que o teu raciocínio fosse mais correcto ou, no caso contrário, me deixasses morrer em paz. Que entendes tu por criador, que entendes tu por natureza corrompida?

PADRE

O criador é o senhor do universo, foi ele que fez tudo, que tudo criou e tudo conserva pelo simples efeito da sua omnipotência.

MORIBUNDO

Deve ser um homem notável. Mas hás-de dizer-me porque é que esse homem tão poderoso fez, segundo dizes, uma natureza corrompida.

PADRE

Que mérito teriam os homens se Deus não lhes deixasse o livre arbítrio, e que mérito teriam eles se não houvesse cá na terra a possibilidade de se fazer o bem e se evitar o mal?

MORIBUNDO

Então o teu deus quis fazer tudo torto, unicamente para tentar ou para pôr à prova a criatura; não a conhecia, então, não suspeitava do resultado?

PADRE

Claro está que a conhecia, mas queria mais uma vez deixar-lhe o mérito da escolha.

MORIBUNDO

Para quê, uma vez que ele sabia já qual seria a escolha e

que dele só dependia, pois dizes que é onnipotente, dele só dependia, repito, obrigá-lo a fazer a escolha certa?

PADRE

Quem pode compreender os desígnios imensos e infinitos de Deus sobre o homem, quem pode compreender tudo o que vemos?

MORIBUNDO

Aquele que simplifica as coisas, meu amigo, principalmente aquele que não multiplica as causas, para melhor embrulhar os efeitos. Que precisão tens tu de uma segunda dificuldade, quando não és capaz de explicar a primeira? E, sendo possível que a natureza só por si tenha criado o que atribuis ao teu deus, para que precisas de andar à procura de um patrão? A causa daquilo que não compreendes é porventura a coisa mais simples deste mundo. Aperfeiçoa a física e compreenderás melhor a natureza, aperfeiçoa a razão, elimina os preconceitos e podes dispensar de vez esse teu deus.

PADRE

Desgraçado! Cria eu que tu eras sociniano* — e tinha armas preparadas para te dar luta, mas já vejo que és ateu e, visto que o teu coração se recusa às inúmeras e autênticas provas que todos os dias recebemos da existência do criador, nada mais me resta fazer. Não é possível dar vista a um cego.

MORIBUNDO

Com uma coisa hás-de concordar e é que, de dois cegos, o pior é com certeza o que venda os olhos, não o que arranca a venda. Tu edificas, inventas, multiplicas, enquanto eu destruo, simplifico. Tu acrescentas ao erro outros erros, eu combato-os a todos. Qual de nós dois é o cego?

* Socin, teólogo protestante, era contrário ao dogma da Trindade. (*N. do T.*)

PADRE

Então não credes em Deus?

MORIBUNDO

Não. E por uma razão muito simples que é o ser perfeitamente impossível crer no que não se compreende. Entre a compreensão e a fé devem existir relações imediatas; a compreensão é o primeiro alimento da fé; onde não houver compreensão a fé está morta e os que num tal caso dissessem tê-la mentiam. Desafio-te a acreditares no deus que me pregas. Porque serias incapaz de mo demonstrar, porque não consegues definir-mo e, sendo assim, não o compreendes. Porque, a partir do momento em que não o compreendes, não podes fornecer-me argumentos razoáveis e, em suma, tudo quanto está acima dos limites do espírito humano ou é quimera ou é inútil. Porque o teu deus só pode ser uma destas duas coisas, sendo, no primeiro caso, estupidez acreditar nele e, no segundo caso, imbecilidade.

Dá-me provas da inércia da matéria, meu amigo, e eu concedo-te a existência do criador. Prova-me que a natureza não se basta a si própria e eu te concederei que ela tem um patrão. Senão, é melhor não esperares nada de mim, eu só me rendo à evidência e só dos meus sentidos a posso receber; logo que eles se detêm, a minha fé perde a força. Acredito no Sol porque o vejo, concebo-o como o centro em que se reúne toda a matéria inflamável da natureza e o seu percurso periódico agrada-me sem me espantar. É uma operação de física, quiçá tão simples como a da electricidade, mas que não nos é dado compreender. Que necessidade tenho de ir mais longe, pois, ainda que apoies o teu deus em bases mais firmes, que mais me pode adiantar a mim, se vou precisar de tanto esforço para compreender o operário como para definir a obra?

Por consequência, não me prestaste serviço algum com a edificação da tua quimera, perturbaste o meu espírito, mas não mo esclareceste, e o que te devo é ódio, não reconhecimento. O teu deus é uma máquina que fabricaste para servir as tuas paixões, puseste-a a funcionar de acordo com a vonta-

de delas; mas, uma vez que ela incomoda as minhas, permite que eu a rejeite e, num momento em que a minha alma enfraquecida necessita de calma e filosofia, não venhas assustá-la com os teus sofismas que lhe meteriam medo sem a convencerem, que a irritariam sem a tornarem melhor; ela, essa alma, meu amigo, é aquilo que à natureza aprouve que fosse, ou seja, o resultado dos órgãos que lhe aprouve a ela formar com vista aos seus objectivos e às suas necessidades; e como ela tem uma igual necessidade de vícios e de virtudes, quando lhe apeteceu impelir-me para os primeiros, assim fez; quando se decidiu pelas segundas, inspirou-me os desejos e eu obedeci-lhes de igual forma. Não procures, para a inconsequência humana, outras causas que não sejam as suas leis e não busques para as suas leis princípios que não sejam a vontade e as necessidades dela.

PADRE

Para ti, portanto, tudo é necessário neste mundo.

MORIBUNDO

Exactamente.

PADRE

Mas, se tudo é necessário, tudo está regulamentado.

MORIBUNDO

Quem disse o contrário?

PADRE

E quem pode dar a tudo regras senão uma mão toda-poderosa e sábia?

MORIBUNDO

Quando se chega o lume à pólvora ela não explode, necessariamente?

PADRE

Explode.

MORIBUNDO

E qual é a sabedoria que encontras nisso?

PADRE

Nenhuma.

MORIBUNDO

É, pois, possível haver coisas necessárias sem haver sabedoria e, por isso, que tudo derive de uma causa primeira, sem que nessa causa primeira haja razão ou sabedoria?

PADRE

Aonde quereis chegar?

MORIBUNDO

Quero provar que tudo pode ser aquilo que é e aquilo que tu nele vês, sem necessidade de causa sábia e racional que o provoque, e que todos os efeitos naturais devem ter causas naturais, sem ser necessário supor outras antinaturais, como é esse teu deus, o qual, como já te disse, careceria de explicação sem fornecer nenhuma; e que, a ser assim, o teu deus não presta para nada, é perfeitamente inútil; que, aparentemente, o que é inútil é nulo e o que é nulo é nada; assim, para me convencer de que o teu deus é uma quimera, não preciso de outro arrazoado senão o que me é fornecido pela certeza da sua inutilidade.

PADRE

Postas as coisas nesse pé, acho pouco necessário falar-vos de religião.

MORIBUNDO

Porque não? Não há coisa mais divertida do que a prova do excesso a que os homens nesse campo levaram o fanatismo e a imbecilidade; trata-se de desatinos tão prodigiosos que o seu rol, se bem que horrível, é, a meu ver, sempre interessante. Responde-me com franqueza e põe de parte o egoísmo. Se eu fosse tão fraco que me deixasse surpreender pelos teus ridículos sistemas acerca da fabulosa existência do ser que torna necessária a religião, sob que forma me aconselharias a prestar-lhe culto? Querias que adoptasse antes os delírios de Buda ou os absurdos de Brahma? Que adorasse a grande serpente dos negros, o astro dos peruanos ou o deus dos exércitos de Moisés? A qual das seitas de Maomé querias que me rendesse, qual das heresias dos cristãos seria preferível? Pensa bem no que vais responder.

PADRE

Poderá oferecer dúvidas?

MORIBUNDO

Já vejo que é egoísta.

PADRE

Não, é por te amar como a mim mesmo que te aconselho aquilo que creio.

MORIBUNDO

Seria estimarmo-nos muito pouco dar ouvidos a tais erros.

PADRE

Quem pode ser cego perante os milagres do nosso divino redentor?

MORIBUNDO

Todo o que nele vir apenas o mais ordinário dos patifes e o mais reles dos impostores.

PADRE

Meu Deus, estais a ouvi-lo e não trovejais?

MORIBUNDO

Não, meu amigo, está tudo calmo, porque o teu deus, por impotência, por conveniência ou por aquilo que tu queiras ver num ser que eu só admito momentaneamente por condescendência para contigo ou, se preferires, para com as tuas vistas curtas, esse deus, digo, se existe, como estupidamente crês, não pode, para nos convencer, ter recorrido a meios tão ridículos como os que o teu Jesus pressupõe.

PADRE

Como? As profecias, os milagres, os mártires, tudo isso não são provas?

MORIBUNDO

Como queres tu que eu, em boa lógica, considere provas o que carece de ser provado? Para a profecia ser prova, seria preciso eu ter a perfeita certeza de ela ter sido feita; ora, sendo ela consignada pela história, não pode para mim ter mais força do que todos os outros factos históricos, três quartos dos quais são duvidosos; se a isso acrescentar o facto mais que evidente de que eles me são transmitidos apenas por historiadores interessados, estou, já vês, no meu direito de duvidar. Quem, aliás, me garante que essa profecia não foi feita posteriormente, que não é obra de combinação da mais simples política como a que vê um reino feliz sob um rei justo ou os grandes frios quando é inverno? E, nesse caso, como podes admitir que possa constituir prova a profecia que precisa de ser provada?

Quanto aos teus milagres, não me inspiram mais respeito. Todos os velhacos fizeram milagres a que todos os tolos deram crédito; para me persuadir da verdade de um milagre, teria de ser convencido de que o acontecimento por vós assim considerado fosse absolutamente contrário às leis da natureza, pois só pode passar por milagre o que estiver fora da natureza. E quem é que tem dela conhecimento bastante para ousar afirmar qual é o ponto onde ela se detém e começa a ser infringida? São necessárias apenas duas coisas para um pretenso milagre ser acreditado, e são elas um aldrabão e algumas mulheres; não procures outra origem para os teus, deixa lá, não houve nenhum fundador de seitas que os não fizesse, e o mais singular é que todos encontraram imbecis que lhes deram crédito. O teu Jesus não fez nada mais singular do que Apolônio de Tiana fez e não passa pela ideia a ninguém transformá-lo em Deus; quanto aos teus mártires, são de facto os mais débeis de todos os argumentos que me apresentas. Para se fazerem mártires, só é preciso entusiasmo e resistência e, enquanto a causa oposta me apresentar tantos como tu, não estou suficientemente autorizado a acreditar que uma é melhor do que a outra, antes propendo a considerá-las lastimáveis às duas.

Meu amigo, se o deus que pregas existisse de verdade, teria alguma necessidade de milagres, de mártires e de profecias para firmar o seu império e, se, como dizes, o coração do homem fosse obra dele, não o teria escolhido para santuário da sua lei? Essa lei igual, porque emanada de um deus justo, achar-se-ia de maneira irresistível gravada por igual em todos esses corações e, de um extremo ao outro do universo, os homens, semelhantes entre si por todos terem esse órgão delicado e sensível, haviam de ser igualmente semelhantes pela homenagem que prestariam ao deus de quem o receberam, teriam todos um modo único de o amar, um único modo de o adorar ou de o servir e ser-lhes-ia tão impossível desconhecer esse deus como resistir à secreta inclinação para o seu culto. Em vez disso, que vejo eu no universo? Tantos deuses quantos os países, tantas maneiras de servir esses deuses quantas as cabeças e as imaginações, e esta multiplicidade de opiniões em que me é fisicamente impossível escolher... A teu ver, será isso obra de um deus justo?

Estás a ultrajar o teu deus, pregador, quando mo apresentas dessa maneira. Deixa-mo negar totalmente, porque, se ele existir, ultrajo-o menos com a minha incredulidade do que tu com as tuas blasfêmias. Toma juízo, pregador, que o teu Jesus não vale mais do que Maomé, Maomé não vale mais do que Moisés e os três não são melhores do que Confúcio que, apesar de tudo, ditou alguns bons princípios, ao passo que os outros três desatinavam; mas todos eles em geral são impostores de quem zomba o filósofo, em quem a canalha acreditou e que a justiça devia ter enforcado.

PADRE

Foi isso e muito mais que ela fez a um dos quatro.

MORIBUNDO

Fê-lo ao que mais o merecia. Era sedicioso, turbulento, velhaco, libertino, aldrabão, grosseiro, mau e perigoso, tinha a arte de intrujar o povo e era merecedor de castigo num estado como aquele de que então fazia parte Jerusalém. Bem andaram, pois, os que dele se desfizeram e é esta porventura a única ocorrência em que as minhas máximas, extremamente doces e tolerantes noutros casos, admitem a severidade de Témis; desculpo os erros todos, excepto aqueles que podem tornar-se perigosos no governo em que se vive; os reis e as suas majestades são as únicas coisas que se me impõem, as únicas que respeito, e todo aquele que não amar o seu país e o seu rei não é digno de viver.

PADRE

Mas por certo haveis de admitir que existe alguma coisa depois desta vida, é impossível que o vosso espírito não se tenha algumas vezes comprazido a penetrar na espessura das trevas da sorte que nos espera... E que sistema pode satisfazê-la melhor do que um sem número de penas para aquele que vive mal e uma eternidade de recompensas para o que vive bem?

MORIBUNDO

Qual, meu amigo? O do nada! Nunca me assustou, considero-o consolador e simples; todos os outros são obra do orgulho, só este é obra da razão. Além disso, não é repugnante nem absoluto, o nada. Não tenho eu diante dos olhos o exemplo da natureza que constantemente se vai gerando e regenerando? Nada perece, meu amigo, nada neste mundo se destrói; homem hoje, amanhã verme, depois de amanhã mosca, não será tudo isso existir? Porque haverias tu de querer que eu receba recompensa por virtudes de que não tenho mérito algum ou castigo por crimes que não pude dominar? Poderás pôr de acordo a bondade do teu pretenso deus com este sistema, poderá ele ter desejado criar-me para ter o prazer de me punir, em consequência apenas de uma opção que eu não sou senhor de tomar?

PADRE

Tens, sim.

MORIBUNDO

De acordo com os teus preconceitos, sim, mas a razão derubou-os e o sistema da liberdade do homem foi por vós inventado somente para forjar o da graça, que tão favorável era aos vossos devaneios. Qual é o homem que, vendo a força ao lado do crime, cometeria este se fosse livre de não o cometer? Somos arrastados por uma força irresistível e nem por um instante somos senhores de escolher outra coisa senão aquela para a qual estamos inclinados. Não há uma só virtude que não seja necessária à natureza e, reversivelmente, não há crime de que ela não tenha necessidade e é no perfeito equilíbrio por ela mantido entre uma coisa e outra que consiste toda a ciência; mas poderemos nós ser responsabilizados pelas inclinações que ela nos dá? Não mais do que a vespa que te espeta na pele o ferrão.

PADRE

Sendo assim, nem o maior de todos os crimes poderá inspirar-nos o mínimo horror?

MORIBUNDO

Não digo isso, basta que a lei o condene e que a espada da justiça lhe aplique o castigo para que nos inspire repugnância e terror, mas, depois de infelizmente cometido, não há nada a fazer e não temos que sentir remorsos; o seu efeito é vão porque não nos permitiram evitá-lo, é nulo porque não vão repará-lo; é, portanto, absurdo ter remorsos e mais absurdo ainda é temer o castigo no outro mundo, quando temos a sorte de escapar à punição no mundo presente. Livre-me deus de, ao dizer isto, encorajar o crime, que deve tanto quanto possível ser evitado, mas é pela razão que lhe deveremos fugir e não por falsos temores que a nada levam e cujo efeito é rapidamente destruído numa alma que seja firme. A razão, meu amigo, só a razão nos deve ensinar que prejudicar os nossos semelhantes nunca nos pode trazer felicidade, e o coração há-de também mostrar-nos que contribuir para a felicidade deles é a ventura maior que a natureza nos concede neste mundo; toda a moral humana se encerra nestas poucas palavras: *tornar os outros tão felizes como desejamos sê-lo nós próprios* e nunca lhes fazermos mais mal do que desejaríamos receber.

Aí tens, meu amigo, os únicos princípios que deveríamos seguir e não precisamos de religião, nem de deus, para os admitirmos, basta possuímos um bom coração. Mas sinto-me fraco, pregador... Livra-te de preconceitos, sê homem, sê humano, sem temor e sem esperança; deixa-te de deuses e de religiões; tudo isso só serve para os homens empunharem a espada e o simples nome de todos esses horrores fez derramar na terra mais sangue do que todas as outras guerras e todos os outros flagelos reunidos. Renuncia à ideia de um outro mundo, que não existe, mas não renunciés ao prazer de seres feliz neste e de fazeres os outros felizes. Essa é a única forma que a natureza te oferece de duplicares ou prolongares a existência.

A volúpia, amigo, foi sempre o mais querido dos meus bens, toda a minha vida a incensei e foi meu desejo finar-me nos seus braços. Aproxima-se o meu fim: estão seis mulheres lindas como o Sol na câmara contígua, tinha-as reservado para este momento, goza com elas, tenta esquecer no seio delas, seguindo o meu exemplo, todos os vãos sofismas da superstição, todos os erros imbecis da hipocrisia.

NOTA

O moribundo tocou uma campainha, entraram as mulheres e, nos braços delas, o pregador tornou-se num homem corrompido pela natureza, por não ter sabido explicar o que vinha a ser a natureza corrompida.



Faunes et Bacchante, segundo uma água-marinha de Hancarville

PETIÇÃO
da Secção de Piques
aos representantes do povo francês*

* Redigida por Sade, no 5.º dia da III.ª década do 2.º mês do 2.º ano da República francesa e dirigida à Assembleia dos Representantes do Povo Francês.

Legisladores:

O poder da filosofia vem finalmente aniquilar o da impostura; o homem esclarece-se, finalmente, e, destruindo com uma das mãos os frívolos bonecos duma religião absurda, edifica com a outra um altar à mais querida divindade do seu coração. A Razão substitui Maria nos nossos templos e o incenso que ardia aos pés duma mulher adúltera vai passar a acender-se apenas aos pés da deusa que quebrou as nossas cadeias.

Legisladores, não sejamos cegos; este avanço rápido não é tanto obra dos progressos da nossa razão como dos nossos costumes republicanos; é à energia do nosso Governo que devemos tão vigoroso arranque. Há muito que a filosofia se ria secretamente com as macacadas do catolicismo; mas só podia levantar a voz nos calabouços da Bastilha, onde o despotismo ministerial sabia reduzi-la imediatamente ao silêncio. E como não havia a tirania de apoiar a superstição? Tendo uma e outra nascido no mesmo berço, sendo ambas filhas do fanatismo e sendo ambas servidas por esses seres inúteis, denominados padres no templo e monarcas no trono, elas tinham de ter as mesmas bases e proteger-se uma à outra.

Só o governo republicano podia, quebrando o ceptro, aniquilar ao mesmo tempo uma religião sanguinária que, com seus sagrados punhais, degolou tantas vezes os homens em nome do Deus que admitia com o único fim de servir as paixões dos seus satélites impuros. É claro que, com novos costumes, tínhamos de adoptar um novo culto e o culto dum judeu escravo dos romanos não podia convir aos filhos de Scévola.

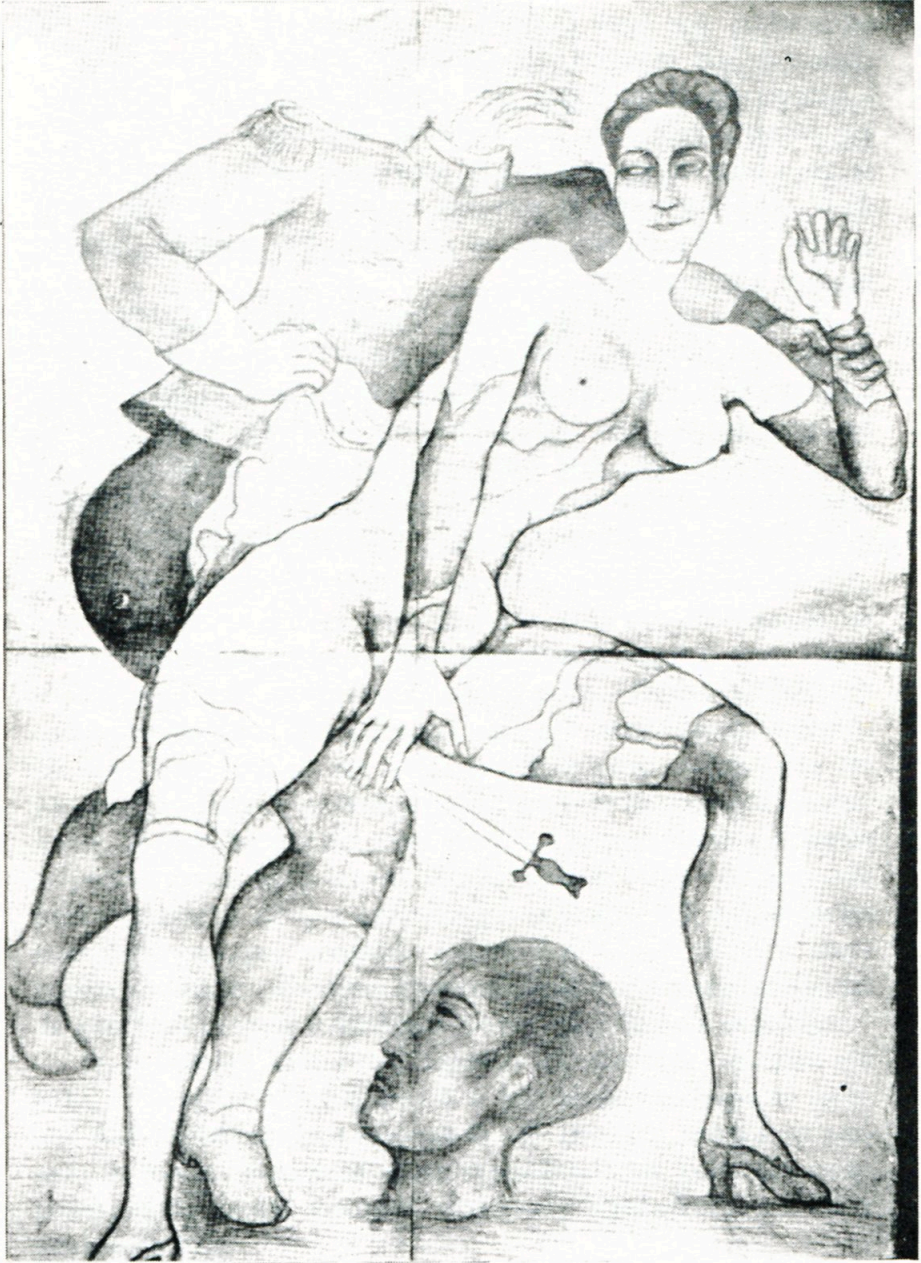
Legisladores, está aberto o caminho, há que percorrê-lo com passo firme, temos acima de tudo de ser consequentes, mandando a cortesã da Galileia descansar da trabalhadeira que teve para nos fazer crer, durante dezoito séculos, que uma mulher pode procriar sem deixar de ser virgem. Há que despedir todos os seus acólitos; junto do templo da Razão, não podemos continuar a venerar os Sulpícios, os Paulos, as Madalenas ou as Catarina. Que os monumentos preciosos, emporcalhados pela mentira, sejam desde já consagrados a fins mais nobres: adoremos as virtudes onde venerámos as quimeras; que se coloque o emblema duma virtude moral em cada igreja, no mesmo altar em que se ofereciam cultos inúteis a fantasmas; que este expressivo emblema, abrasando os nossos corações, nos faça incessantemente passar da idolatria à sabedoria; que a piedade filial, a grandeza de alma, a coragem, a igualdade, a boa fé, o amor à pátria, a benemerência, etc., que todas essas virtudes, erigidas cada uma em seu templo, se tornem os únicos objectos das nossas homenagens: aprenderemos a segui-las, a imitá-las, adorando-as. Desses altares em que as collocarmos elas passarão para as nossas almas; e a moral, essa base sagrada de todas as convenções sociais, esse órgão precioso que a natureza coloca sempre no coração do homem, ao dar-lhe a vida, esse vínculo tão necessário em todos os pactos, todos os governos, durante tanto tempo obscurecida pela superstição de que era inimiga implacável, a moral, pelos seus meios sempre actuante diante dos nossos olhos e compondo os nossos primeiros deveres, contribuirá para a felicidade geral, ao mesmo tempo que torna mais firme a república.

Se o homem moral é o homem da natureza, se, por seu lado, o governo republicano é o da natureza, importa que, por um encadeamento necessário, as virtudes morais se tornem as molas do carácter dum republicano; e, para nos compenetrarmos destas virtudes, consenti, legisladores que lhes prestemos culto.

Que uma vez em cada dez dias, na tribuna desses templos, nesse dia abertos à multidão, ressoem os elogios à Virtude venerada nesse templo e aos cidadãos que melhor a tiverem servido; que se entoem hinos em honra dessa virtude; que o incenso fumegue ao pé dos altares que lhe hão-de ser

edificados; que cada cidadão, à saída de tais cerimónias, tão dignas de um governo como o nosso, depois de se ter excitado à prática da virtude que vier celebrar, faça sentir à esposa e aos filhos a felicidade e a utilidade da mesma virtude. Assim se irá o homem aperfeiçoando; assim a sua alma, aberta à verdade, se alimentará de virtudes no local onde antes ia beber apenas os vícios com que o charlatanismo religioso noutros tempos o envenenava.

Assim, a prosperidade geral, resultado certo da prosperidade do indivíduo, estender-se-á às regiões remotas do universo e por todo o lado a Hidra temível da Superstição ultramontana, perseguida pelos fachos reunidos da Razão e da Virtude, sem outro refúgio que não sejam os antros repugnantes da aristocracia moribunda, irá junto desta finar-se com o desespero de finalmente sentir triunfar a filosofia sobre a terra.



Pierre Klossowski: *Roberte et le Colosse* (variante)

FANTASMAS*

* Texto de Sade, achado nos *Cahiers personnels* (1804-1805) e editados por Gilbert Lely em 1953. Pretendia ser um preâmbulo a um livro que teria por título *Réfutation de Fénelon* ou *Traité de l'Existence de Dieu...* Livro que se perdeu? Ou que Sade não chegou a escrever? Não se sabe. Mas os textos do volume que o leitor tem entre mãos provam que a matéria existia. Só faltava dar-lhe forma.

Ser quimérico e vão cujo nome fez derramar na superfície do globo mais sangue do que alguma guerra política derramou algum dia! Quem dera que te afundasses no nada donde a louca esperança dos homens e o seu pavor ridículo ousaram desgraçadamente arrancar-te! Tu apareceste somente para suplício do género humano. De quantos crimes se teria livrado a terra se o primeiro imbecil que teve a ideia de falar de ti tivesse sido logo degolado.

Mostra-nos lá agora que existes. Não consintas que uma fraca criatura se atreva a insultar-te, a desafiar-te, a achincalhar-te como eu faço, que ela se atreva a renegar as tuas maravilhas e a rir-se da tua existência, ó vil fabricante de pretensos milagres! Faz lá qualquer coisa para provares que existes. Mostra-te não já numa sarça ardente, como se diz que apareceste ao bom do Moisés, não no alto de uma montanha, como quando te mostraste ao vil leproso que se dizia teu filho, mas ao lado do astro de que te serves para dares luz aos homens e que a tua mão lhes mostre que és tu que o comandas. Esse acto universal, decisivo, não te há-de custar mais do que todos os ocultos sortilégios que, segundo se diz, realizas todos os dias. A tua glória está dependente deste; ou fazes o que te digo ou então não te espantes de ver todos os bons espíritos rejeitarem o teu poder e subtraírem-se aos teus pretensos impulsos, melhor dizendo às patranhas que sobre ti proclamam aqueles que engordam como porcos a pregar-nos a tua fastidiosa existência e que, à imitação dos padres do paganismo, cevados nas vítimas imoladas nos altares, apenas exaltam o seu ídolo para multiplicarem os holocaustos.

Ó padres do falso deus que Fénelon cantou! Nesse tempo contentáveis-vos de, na sombra, excitar os cidadãos à revolta. Não obstante o horror que a Igreja disse ter pelo sangue, vós, à cabeça daqueles que derramavam o sangue dos vossos compatriotas, subíeis às árvores para vibrardes com menos risco os vossos golpes. Era essa a única maneira de então pregardes a doutrina de Cristo, deus da paz; mas, desde que sois cumulados de ouro, servindo-o, vós, satisfeitos por não terdes de arriscar a vida por tal causa, é com baixeiras e sofismas que defendeis a sua quimera! Oxalá ela se eclipse convosco para sempre e que nunca mais sejam pronunciadas palavras como Deus e religião! E os homens de paz, não tendo que se preocupar com a própria felicidade, sentirão que a moral que a sustém não necessita de patranhas que a apoiem e que é uma desonra para elas alicerçarem-se nos altares de um Deus ridículo e vão que o mais sumário exame da razão pulveriza sem esforço.

Desaparece, pois, quimera repugnante! Regressa às trevas que te engendraram; não venhas sujar a memória dos homens; que o teu nome execrado seja pronunciado apenas a par da blasfémia e que seja entregue ao pior dos suplícios o pérfido impostor que no futuro te queira instituir na terra! Não te peço que faças saltar de gozo e berrar de alegria os bispos untuosos, com cem mil libras de rendimento: um tal milagre não valeria aquele que te proponho e, se algum tiveres de nos mostrar, que ele seja pelo menos digno da tua glória. E porque havias tu de te esconder daqueles que te desejam? Tens medo de os assustar ou será que receias a vingança deles? Ah, não mereces tu outra coisa, monstro! Terá valido a pena criá-los para, como tu fazes, os mergulhares num abismo de infelicidade? Ou não saberás mostrar o teu poder sem ser pela atrocidade, sem os esmagares com a tua mão? E não merece esta ser por eles amaldiçoada, ó fantasma execrável? Tens boas razões para te esconderes! Choveriam sobre ti as imprecações se algum dia a tua face hedionda aparecesse diante dos homens; os desgraçados, revoltados com a obra, não tardariam a dar cabo de quem a fez!

Miseros e absurdos mortais, que o erro e o fanatismo cegam, acordai das perigosas ilusões em que vos afunda a superstição tonsurada, pensai no poderoso interesse que ela tem

ao apresentar-vos um Deus, medi-o pelo crédito poderoso que sobre os vossos bens e espíritos lhes dão essas mentiras e vereis que tais tratantes só vos poderiam ensinar quimeras e, reversivelmente, que um fantasma tão degradante só podia ter por seguidores um bando de facínoras. Se o vosso coração tem necessidade de um culto, que ele o preste aos objectos palpáveis das suas paixões: nessa homenagem natural, sereis ao menos satisfeitos por coisas reais. Mas que sentis, afinal, ao cabo de três horas de misticidade deífica? Um frio nada, um vazio abominável que, nada oferecendo aos vossos sentidos, os deixa necessariamente no estado de quem somente adorou sonhos e sombras!... E como haviam os nossos sentidos materiais de se apegar a uma coisa que não seja da essência de que eles são formados? E esses adoradores de Deus, com a sua frívola espiritualidade que nada realiza, não serão todos semelhantes ao Dom Quixote quando toma os moinhos por gigantes?

Aborto execrável, eu deveria aqui abandonar-te à tua sorte, entregar-te ao desprezo que só tu inspiras e cessar de te combater uma vez mais nos devaneios de Fénelon. Mas prometi desempenhar-me desta tarefa; cumprirei o prometido, feliz se vir que, com os meus esforços, lograrei arrancar-te do coração dos teus imbecis seguidores e conseguirei, colocando alguma razão no lugar das tuas mentiras, acabar por abalar os teus altares, sepultando-os para sempre nos abismos do nada.



Jean Benoît: *Exécution du Testament de Sade*

HOMENAGEM

por

MAURICE HEINE

*O Sade a quem admiramos
não é o marquês, mas sim o cidadão
que, em 1793,
declara ao comitê da Segurança Geral
que seu bisavô fora criado de servir,
com tal altivez negando a sua nobreza.*

*O Sade que admiramos
não é o coronel de cavalaria,
mas sim o homem justo que escreveu este pensamento:
Os ladrões que matam para roubar fazem
menos mal que os generais do exército
que apenas por orgulho destroem as nações.*

*O Sade a quem amamos
não é o lugar-tenente general
nas províncias de Bresse e Bugey,
mas a pessoa fina e sem bazófia
que seu criado chama de Senhor Marquês,
tomando ele próprio o nome de Lafleur,
enquanto brinca ao peido-na-boca com as putas de Marselha.*

*O Sade a quem amamos
não é o privilegiado,
mas o libertino que exclama
quando o Parlamento de Aix o queima em efígie:*

Foda-se,
que isto mesmo era o que eu queria
vejo-me assim coberto de opróbrios e de infâmia,
deixai-me, deixai-me
com isto é que eu me venho!
vindo-se logo ali.

*O Sade a quem amamos
não é o aluno dos padres jesuítas,
mas sim o amante de sua cunhada,
o sedutor da cónega deliciosa
que, com incesto, o ajuda a pôr a Deus uns cornos.*

*O Sade a quem exaltamos
é o que foi trinta anos emparedado,
prisioneiro de estado, cativo arbitrário
sob três regimes que lhe roubam a liberdade.
É o revolucionário, é o primeiro que grita ao povo que tome a
Bastilha;
é o ateu
que insulta Robespierre mai-lo seu Ser Supremo,
no meio da Secção de Piques,
na própria barra da Convenção;
é o velho impenitente,
atirado para um asilo de loucos
e cuja razão fria preocupa e enfurece
ministros e prefeitos do epiléptico Imperador.*

*E é o moribundo, fiel ao seu Diálogo
dando ao padre um empurrão.
Mas mais do que o poeta e mesmo que o filósofo
o que nele nós amamos e nele mais admiramos
é o domador da natureza,
é o agressor dos deuses,
o que desdenha das leis,
o libertador do sexo,
o rebelde,
Sade.*

NEM DEUS NEM NATUREZA

por

MAMUEL JOÃO GOMES

*A ideia de Deus é o único erro que não posso
perdoar ao homem.*

SADE

*Deus tem uma única desculpa que é o facto de
não existir.*

STENDHAL

Tudo é bom quando é excessivo.

SADE

*Sem a louca desmedida que representaram o
nome, a vida e a verdade de Sade, a revolução
teria ficado privada de uma parte da sua Razão.*

BLANCHOT

O ateísmo, tema central dos textos deste volume, não é fenómeno raro no tempo do Marquês de Sade. Antes dele, houve na França ateus e libertinos famosos como La Mettrie e Helvetius, entre muitos outros.

Também não é novidade a relação entre o ateísmo e o culto da Natureza. Para os chamados «libertinos» (palavra «feia» cujos ecos ainda hoje soam no discurso do Presidente dos Estados Unidos quando ataca os liberais), a Natureza e as suas filhas, a Virtude, a Razão e a Verdade, eram as únicas divindades dignas de ser veneradas pelos homens.

Não significa isto que na Europa das Luzes o ateísmo fosse tolerado. Na própria Enciclopédia de Diderot e D'Alembert, o ateu é expressamente apodado de inimigo dos outros homens, «por derrubar os alicerces sobre os quais se fundam a sua conservação e a sua felicidade» e o articulista acrescenta que a sociedade tem por isso o direito (natural) de punir os ateus. Importa dizer que esta severidade atingiu o livro de Helvetius, *De l'Esprit*, que foi condenado publicamente, sendo o autor obrigado a retratar-se.

Mas o Marquês de Sade seria o grande filósofo do ateísmo no século XVIII.

Ninguém levou mais longe do que ele a reflexão sobre o assunto. Teve tempo para isso: passou na cadeia boa parte da vida e os doze anos de prisão antes do assalto à Bastilha foram os mais frutuozos sob este aspecto. Boa parte da obra de Sade foi então escrita e pensada e são incontáveis as contribuições para a filosofia atea que podemos detectar em livros como *Nouvelle Justine*, *Histoire de Juliette*, *A Filosofia na Alcova*, *120 Dias de Sodoma*, não falando já dos textos que se compilam neste volume, descobertos e publicados já nos nossos dias (mais concretamente em 1926, e posteriormente, em 1966, no VIII volume das *Obras Completas*, ed. J. J. Pauvert).

1.

A Histoire de Juliette é um dos livros mais blasfemos que Sade ou qualquer outro autor algum dia escreveu; o discurso ateu atinge aí os seus momentos mais enérgicos e excessivos:

«Ó tu que, segundo dizem, criaste tudo o que no mundo existe; tu, de quem eu não faço a menor ideia; tu, a quem só conheço por ouvir falar e por aquilo que os homens, que todos os dias se enganam, dizem de ti; ó ser bizarro e fantástico que dás pelo nome de Deus, aqui declaro formal, autêntica e publicamente que não tenho em ti a mais leve crença, pela excelente razão de não achar nada que me possa comprovar uma existência absurda cuja solidez nada neste mundo atesta. Se estiver enganado e se, ao deixar de existir, conseguires provar-me o meu erro e (o que vai contra todas as leis da verosimilhança e da razão) lograres vencer-me dessa existência aqui tão fortemente negada por mim, o que me acontecerá? Farás de mim feliz ou infeliz? No primeiro caso, terei de admitir a tua existência, de te adorar; no segundo caso, terei de te abominar; ora, se é claro que nenhum homem razoável pode deixar de raciocinar assim, como é possível que tu, com o poder que constitui o primeiro dos teus atributos, se, repito, existes, como é que permites que o homem viva numa alternativa tão injuriosa para a tua glória?»

Num outro ponto da Juliette aparece este ataque à religião em geral e ao cristianismo em particular; insere-se no contexto de um encontro entre a heroína Juliette e o papa a quem ela diz:

«Fantasma orgulhoso, de tão habituado que estás a intrujar os homens, acabas por te intrujar a ti próprio. (...) Na Galileia formase uma religião cujas bases são a pobreza, a igualdade e o ódio aos ricos. (...) O rico é maldito só por ser rico. É proibido aos discípulos deste culto acumularem quaisquer bens. (...) Os primeiros apóstolos desta religião ganham a vida com o suor do rosto. (...) Ora, que relações haverá, pergunto-te, entre essas primeiras instituições e as imensas riquezas que tu possuis na Itália? Foi do Evangelho ou foi da roubalheira dos teus predecessores que te vieram tantos bens? Desgraçado! E julgas que te impões ao nosso respeito! (...) Ah, oxalá os povos se desenganem rapidamente a respeito desses ídolos papais que até hoje só lhes trouxeram perturbações, indigência e desgraças! Que todos os povos da terra, tremendo ante os efeitos terríveis há tantos séculos causados por tais celerados, se apressem a destronar aquele que lhes sucede e a derrubar assim a religião estúpida e bárbara, idólatra, sanguinária, ímpia que algum dia os admitiu e exaltou.»

2.

Da Filosofia na Alcova faz parte o libelo Franceses, mais um esforço se quereis ser republicanos, onde o problema da religião volta à ordem do dia e é desenvolvido em termos idênticos aos utilizados no Diálogo entre um Padre e um Moribundo; mas há outros pontos da Filosofia que tratam especificamente o problema de Deus:

«Essa vossa quimera deífica vem esclarecer alguma coisa? Desafio quem mo prove. (...) Que é que conseguis oferecendo-me o vosso Deus? Pondez-me mais uma dificuldade. E como é que vós quereis que eu admita como explicação de coisas que não compreendo outra coisa que eu compreendo ainda menos? Será que é pelos dogmas da religião cristã que eu vou examinar... que eu vou fazer uma ideia do vosso temeroso Deus? Vejamos como é que ele no-lo pinta... Que vejo eu no Deus desse culto infame senão um ser inconsequente e bárbaro que hoje cria um mundo de cuja construção amanhã se arrepende? Que vejo eu nele senão um ser fraco, incapaz de fazer o homem dobrar-se para o lado que ele quer? (...) Que Deus horrível esse! Que monstro, que celerado, tão digno do nosso ódio e da nossa implacável vingança! (...) O que faz então esse horrível Deus que vós pregais? Posui um filho, um filho único, que é seu mercê não sei de que comércio; pois, tal como o homem fode, este desejou que o seu Deus também fodesse; envia do céu uma respeitável porção de si mesmo. Poderia imaginar-se que é sobre raios celestes, em meio de um cortejo de anjos, à vista do universo inteiro, que a sublime criatura vai aparecer... Mas não: é no seio duma puta judia, no interior dum cortelho de porcos, que é anunciado o deus que vem salvar a terra! Esta é a origem que se lhe atribui. Será que ao menos a sua missão honrosa nos trará a compensação? (...) Foi para nos salvar a todos, assegura o imbecil, que ele encarnou, sendo embora deus, no seio duma filha dos homens; e os milagres que se lhe vêem operar convencerão o universo. Numa ceia de bêbedos, com efeito, o parvo transforma, ao que se diz, a água em vinho; num deserto dá de comer a uma série de celerados com provisões escondidas, preparadas pelos seus seguidores; um dos seus camaradas finge-se morto; o nosso impostor ressuscita-o; vai-se a uma montanha e ali, em presença de dois ou três amigos seus, faz uns truques de prestidigitação que envergonhariam o mais reles palhaço dos nossos dias. (...) Não tenhamos dúvidas: logo ao nascer, este culto indigno teria sido destruído sem recurso se contra ele se tivessem utilizado as simples armas do desprezo que merecia; mas houve quem decidisse persegui-lo: cresceu mais; era inevitável. Que hoje mesmo se tente cobri-lo de ridículo e ele cairá. O hábil Voltaire nunca utilizava outras armas e, de todos os escritores, é aquele que se pode gabar de ter feito mais prosélitos.»

O discurso Franceses, mais um esforço..., *intercalado na Filosofia na Alcova, desenvolve o mesmo tema:*

«Se, para sua grande infelicidade, os franceses se voltassem a afundar nas trevas do cristianismo, a soberbia, a tirania, o despotismo dos padres, esses vícios sempre renascentes nessa malta impura, e por outro lado a baixeza, as vistas curtas, a chateza dos dogmas e dos mistérios da dita religião, indigna e fabulosa, amolecendo o orgulho da alma republicana, não tardariam a submetê-los ao jugo que a sua energia recentemente quebrou. Não percamos de vista o facto de essa pueril religião ser uma das melhores armas nas mãos dos nossos tiranos: um dos seus dogmas principais era *dar a César o que era de César*; mas nós já destronámos César e não queremos dar-lhe coisa nenhuma. (...)

Vós que tendes na mão a foice, vibraí o derradeiro golpe na árvore da superstição; não vos limiteis a podar-lhe alguns ramos; arrancai antes pela raiz essa planta de tão contagiosos efeitos; convencei-vos plenamente de que o vosso sistema de liberdade e igualdade contraria abertamente os ministros dos altares de Cristo. (...)

Os nossos preconceitos estão já a dissipar-se; o povo está já a abjurar os absurdos católicos; suprimiu já os templos, derrubou os ídolos, chegou à conclusão de que o casamento é tão-só um acto civil; os confessionários partidos são já queimados nas fogueiras públicas; os pretensos fiéis, desertando do banquete apostólico, abandonam aos ratos os deuses de farinha. (...)

Um republicano não deve cair de joelhos nem aos pés de um ente imaginário nem aos de um vil impostor; os seus únicos deuses devem agora ser a coragem e a liberdade. Roma desapareceu no momento em que lá foi pregado o cristianismo, e perdida está a França se continua a respeitá-lo.»

(Maurice Heine faz notar a profissão de fé republicana que Sade manifesta neste discurso, ele que, no Diálogo entre um Padre e um Moribundo, defendia o direito do monarca. Heine é de opinião que, num caso como no outro, as profissões de fé políticas são meras precauções oratórias, tomadas em diferentes épocas da vida do autor. A afirmação dos ideais monárquicos ou republicanos eram uma forma de encontrar apoios contra a censura e contra a Igreja e de defender textos cujas grandes preocupações são de ordem filosófica, moral, religiosa e erotológica.)



Robert Lagarde: *Dessin*, 1959



Klaus Staeck: *Pour la Confirmation*, 1970

3.

Quer no discurso atrás citado quer no Diálogo está presente a Liberdade que, já o sabemos, é filha da Natureza. E a Natureza — explica Maurice Blanchot —

«é para ele, antes de mais, a vida universal, e durante centenas de páginas toda a sua filosofia consiste em repetir que os instintos imorais são bons, porque são factos naturais e a primeira e última instância é a natureza. (...) O seu principal argumento equivale a dizer que o crime é mais conforme com o seu espírito da natureza, porque é movimento, isto é, vida; a natureza que quer criar (diz) tem necessidade do crime que destrói. (...) Mas, à força de falar da natureza, o homem de Sade acaba por se irritar e o ódio torna-lha tão insuportável que a cobre de anátemas e negações. 'Sim, meu amigo, aborreço a natureza'.»

O radicalismo do Divino Marquês levá-lo-á, portanto, a renegar também o dogma da onnipotência da natureza que defendeu no Diálogo entre um Padre e um Moribundo. É esta a passagem anti-natureza que se pode ler na Nouvelle Justine:*

«Quanto mais tentei surpreender os seus segredos, mais a vi ocupada em ser nociva aos homens. Segui todas as suas operações: haveis de a ver sempre voraz, destruidora e má, sempre inconsequente, contrariante e devastadora... Não é evidente que a sua arte assassina só quis formar vítimas, que o mal é o seu único elemento e que foi para cobrir a terra de sangue, lágrimas e lutos que foi dotada da faculdade criadora? que usa da sua energia apenas para semear flagelos? Um dos nossos filósofos modernos dizia-se amante da natureza; pois bem, meu amigo, eu declaro-me seu carrasco. Estudai-a, segui-a a essa natureza atroz, e vereis como ela só cria para destruir, só atinge os seus fins pelo assassinio e ceva-se, como o minotauro, na infelicidade e na destruição dos homens.»

Por aqui se vê até que ponto o autor de A Verdade leva a recusa das ideias e preconceitos herdados, tanto os mais enraiza-

* O leitor interessado encontrará, sobre o tema do ateísmo de Sade, reflexões num sentido diferente do que é aqui apresentado, no livro de Pierre Klosowski, *Sade meu Próximo* (Ed. Moraes, 1968). Registe-se também aqui a opinião de Gilbert Lely, expressa na antologia *Discours contre Dieu* (col. 10-18, 1979). Segundo Lely, a luta religiosa «não inspiraria o mínimo interesse» ao Marquês de Sade, se hoje fosse vivo. E conclui que o cristianismo, nos dias de hoje, surgiria aos seus olhos como «um contrapeso inesperado aos dogmas da mentira e da tortura». O ateísmo de Sade, nas suas complexidades e ambivalências, seria fundamentalmente uma revolta contra «todo e qualquer entrave à liberdade inata do homem, quer esse entrave seja de ordem religiosa, política ou intelectual».

dos nas filosofias de todos os tempos como também os que na sua época passam por inovadores e revolucionários.

O pensamento de Sade está em constante transformação.

Estamos diante de uma metamorfose ambulante, convulsivamente demolidora.

Curvemo-nos respeitosamente à sua passagem. Dêmos-lhe a palavra.



Hans Bellmer: *A Sade*, 1947



André Masson: *Massacre*, 1933

ÍNDICE

Prólogo a <i>A Verdade</i> , por Gilbert Lely.	5
(<i>Avant-propos à La Vérité</i> — trad. Luiza Neto Jorge)	
A Verdade.	11
(<i>La Vérité</i> — trad. Luiza Neto Jorge)	
Pensamento.	27
(<i>Pensée retrouvée</i> — trad. Luiza Neto Jorge)	
Diálogo entre um Padre e um Moribundo	33
(<i>Dialogue entre un Prêtre et un Moribond</i> — trad. Manuel João Gomes)	
Petição da Secção de Piques aos Representantes do Povo Francês . . .	49
(<i>Pétition de la Section de Piques aux Représentants du Peuple Français</i> — trad. Manuel João Gomes)	
Fantasmas	55
(<i>Fantômes</i> — trad. Manuel João Gomes)	
Homenagem, por Maurice Heine	61
(<i>Hommage</i> — trad. Manuel João Gomes)	
Nem Deus nem Natureza, por Manuel João Gomes	65

 ANTÍGONA

- Declaração de Guerra às Forças Armadas e Outros Aparelhos Repressivos do Estado
Custódio Losa (Major dissidente)
- A Insurreição Erótica — Autocrítica da Corporidade Metafórica
Giorgio Cesarano
seguido de: Prolegómenos Portugueses a uma Revolta Fundada Sobre o Amor
Diana Felgueiras
- História Desenvolta do Surrealismo
Jules-François Dupuis
- Don Juan de Kolomea
Sacher Masoch
- Protesto Ante os Libertários do Presente e do Futuro Acerca das Capitulações de 1937
por um «incontrolado» da Coluna de Ferro
- 3 Histórias 3
Cravan / Rigaut / Vaché
- Pesquisas sobre a Sexualidade
Aragon, Breton, Péret, Tanguy e outros
- Isidore Ducasse e o Conde de Lautréamont nas Poesias
Raoul Vaneigem
- Os Tomates Enlatados
Benjamin Péret
- Apontamentos para a História da Revolução do Minho em 1846 ou da Maria da Fonte
Padre Casimiro
- Do Terrorismo e do Estado
Gianfranco Sanguinetti
- Ravachol e os Anarquistas
Jean Maitron
- O Banqueiro Anarquista
Fernando Pessoa
- Crimes Exemplares
Max Aub
- A Nuclearização do Mundo
Jaime Semprun
- O Papalagi
Tuivavi de Tiavéa
- Exposição Analítica do Pronunciamento do dia 17 de Maio em Braga e dos Actos da Junta Provisória nos dias 17 e 18 do dito mês
João Pinto Roby
- Historiografia *Maliciosa e Crítica* da Miséria em Portugal
Carlos K. Debrito
- A Burocratização do Mundo
Bruno Rizzi
- Apelos da Prisão de Segóvia
Coordenação dos Grupos Autónomos de Espanha
- A Invenção de Morel
Adolfo Bioy Casares

- Michael Kohlhaas, o Rebelde
Heinrich von Kleist
- Recordando a Guerra Espanhola
George Orwell
- Matar Não É Crime
Edward Sexby
- Marx, um Elogio Crítico
Carlos K. Debrito
- Na Penúria em Paris e em Londres
George Orwell
- Discurso Sobre a Servidão Voluntária
Etienne de La Boétie
- A Marquesa de O... / O Terramoto no Chile
Heinrich von Kleist
- Geronimo por Ele Próprio
Geronimo
- Defesa de John Brown
Henry David Thoreau
- Ensaio Sobre a Origem da Linguagem
Johann Gottfried Herder
- A Desobediência Civil
Henry David Thoreau
- D. Sebastião de Portugal ou o Capitão de Deus
Paul Dresse
- D'o Gosto e D'o Jeito
Carlos K. Debrito
- O Papalagi (ed. ilustrada)
Tuiavii de Tiavêa
- Para uma Análise do Movimento Libertário e da sua História
Carlos da Fonseca
- O Erotismo (ed. ilustrada)
Georges Bataille
- Agente de Staline
General Walter G. Krivitski
- A Verdade (ed. ilustrada)
D.A.F. de Sade
- Céline de Camisa Castanha
H.-E. Kaminski
seguido de: Mea Culpa
Louis-Ferdinand Céline
- Psychopatia Criminalis
Oskar Panizza
- Últimos Tempos de Acção Sindical Livre e do Anarquismo Militante
Manuel Joaquim de Sousa

Apartado 4192
1504 Lisboa Codex
Portugal

É sob o signo de Deus que a editora Antígona penetra no seu 10º aniversário. Ao mesmo tempo traz a lume os 200 anos da Revolução Francesa, que Sade protagonizou como insurrecto e subversor de todos os valores da época.

«O que faz esse horrível Deus que vós pregais? Possui um filho, um filho único, que é seu mercê não sei de que comércio; pois tal como o homem fode, este desejou que o seu Deus também fodesse; envia do céu uma respeitável porção de si mesmo. Poderia imaginar-se que é sobre raios celestes, em meio de um cortejo de anjos, à vista do universo inteiro, que a sublime criatura vai aparecer... Mas não: é no seio duma puta judia, no interior dum cortelho de porcos, que é anunciado o deus que vem salvar a terra!»

de Sade